

EX-PRESO POLÍTICO PROMETE CONTAR TUDO

Por torturas quem passaram foi o então líder estudantil Juliano Siqueira, perseguido pela ASI e pelos militares. O relato de parte de uma vida, marcada por lutas, perseguições, prisão e torturas, deverá constar no livro de memórias que Juliano Siqueira, hoje vereador, pretende lançar. A data para a publicação ainda é desconhecida, mas uma coisa é certa: esse livro deve mexer com os brios de muita gente. O vereador garante que vai revelar tudo o que viveu na época da ditadura militar e dar nomes a todos os bois — expor todas as pessoas envolvidas com os militares e que trabalhavam a favor da repressão.

Dentre os nomes que serão citados no livro Juliano Siqueira já adiantou alguns, como o Hugo Póvoa, delegado (hoje falecido) que o prendeu várias vezes; Ivan Bonfim, informante da ASI; e Adinei Lopes Cardoso, o chefe da Agência de Segurança e Informação, um dos homens mais temidos e odiados pelos estudantes na época da repressão — o **Dinamo** tentou uma entrevista com Cardoso, mas não conseguiu contatá-lo. Uma de suas filhas alegou que ele estava acompanhando uma irmã hospitalizada e não teria chance para falar com a imprensa.

RELATOS
Como sempre foi militante atuante da esquerda, Juliano Siqueira tem muita história para contar sobre a ditadura. Ingressou, em 1968, no curso de Direito da UFERN, bem na época em que os militares no poder agiam com força total, controlando o que eles chamavam de "subversivos". Nem cheguei a terminar o primeiro ano do curso, que funcionava na Ribeira, onde hoje é a Secretaria de Segurança. Foi cassado e preso porque participava de grandes passeatas, manifestações de ruas, conduzia os movimentos estudantis", contou.

Enquanto era diretor cultural do Diretório Central dos Estudantes (DCE), Siqueira viajou por vários estados, onde participava das manifes-



Araçuaí

O vereador Juliano Siqueira promete dar nomes aos bois no livro que trata das prisões que sofreu como líder estudantil e militante comunista, citando a ASI

tações populares contra o regime. Até dezembro daquele ano, quando foi editado um dos atos mais traumáticos da ditadura — o Ato Institucional Número 5, o AI-5 — e todas as liberdades foram cassadas. "Eu estava vindo de ônibus do Ceará de um Congresso da União Nacional dos Estudantes, quando ouvi pelo rádio que era uma das 12 pessoas cassadas pela Polícia acusadas de terrorismo. Não pensei duas vezes: desci do ônibus perto de Lajes e desapareci. Por medida de segurança, rompi contato com toda a

família, amigos. Só me comunicava com algumas pessoas do partido."

Clandestino, o líder dos estudantes viveu numa casa no bairro de Dix-Sept Rosado. Muitas vezes, passava fome. Foi quando resolveu sair de Natal e lutar em outros estados. Filia-se ao Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), Juliano defendia a luta armada e, para isso, participava de vários episódios que marcaram a história, como as "apropriações" de dinheiro em bancos, para ajudar a causa. "Era exatamente co-

mo foi mostrado recentemente na minissérie 'Anos Rebeldes'. Eu estava lá. Nós arrecadávamos dinheiro para comprar armas e tudo o mais que fosse necessário."

TORTURA

Em 1970, com 20 anos, Juliano Siqueira foi preso no Rio de Janeiro, na casa de Apolônio de Carvalho. "Lembro das sessões de tortura a que me submeteram. Choque elétrico, pau de arara, cadeira do dragão, atoga-mentos. Fiquei preso incommunicável

de janeiro a outubro e, depois, fui transferido para a Bahia e, em seguida, Pernambuco. Tinha que responder pelas condenações em todos esses estados. Foi condenado a 26 anos de prisão, que depois o Superior Tribunal Militar reduziu para quatro anos e dez meses, o período que cumpri em Ilanópolis."

Depois de cumprir a pena, em 1974 Siqueira voltou a Natal. "Derrotado, sem ter para onde ir, voltei para a casa dos meus pais e me isolei da sociedade. As pessoas tinham medo

de falar comigo e eu também evitava falar para não comprometer ninguém. Foi quando decidi voltar para a universidade, estudar muito e preparar para todo mundo que os comunistas também são bons."

Na universidade, o militante estava diretamente sob a mira da ASI. "Eu cheguei a assistir aula cercado por policiais." Mas, sempre dava um jeito de driblar a segurança e os espiões para falar sobre política. "Eu sempre me reunia com amigos e usava a boemia para fazer política. Também gostava de futebol e usava de tudo para me ressocializar." A ditadura deu um jeito de que, no período das eleições para os centros e diretórios acadêmicos, em cinco dos seis diretórios disputados, os vitoriosos foram aqueles apoiados por Siqueira. Isso garantiu ainda a direção do DCE, eleita por voto indireto pelos representantes do Centro.

Mesmo um pouco mais fortalecido, Siqueira não ficou livre dos olhos e da intromissão da ASI. Uma prova foi o concurso para monitor do curso de sociologia política. Foi aprovado com nota 10 e, quando saiu o boletim informativo, lia-se o seguinte: "Estadante faltou às provas...". Nem os professores que examinaram tinham provas se dispuseram a depor. Uma prova da força da ASI", considera.

O mais absurdo, entretanto, foi sua diplomação na universidade, em 1977. "Como estudante, obtive a maior média da universidade, mas não fui laureado. Imagine, laurear um terrorista naquela época seria um absurdo. Só fui me diplomar em homenagem à minha mãe, mas sabia que não haveria cerimônia nenhuma para mim. Muito pelo contrário, fiquei o tempo todo cercado por policiais, todos lembrando que eu pedisse a palavra. Não fez nada disso, fiquei quieto e, depois do encerramento, saímos eu e meu companheiro François Silvestre, que também formou-se comigo, para comemorar somente em família", lamenta até hoje Juliano Siqueira.